

5. Conclusão

Depois da análise pormenorizada do nosso tema pudemos recolher algumas conclusões significativas. A primeira delas, que ao mesmo tempo sintetiza todas as outras, consiste em dizer que Inácio de Loyola é um homem do Espírito Santo. Ele transcende o positivismo de normas e regras, conferindo à busca e ao encontro da vontade de Deus uma dimensão de personalidade. Assim, só alguém disposto a auscultar seu interior é capaz de desenvolver um método tão original quanto criativo com a única finalidade de conduzir as pessoas a Deus. O Espírito Santo é essa força interior criativa que nos conduz para Deus, a qual Inácio soube captar.

Inácio também é um homem de Igreja. Quer dizer, ele se insere numa tradição espiritual presente desde a época dos profetas bíblicos e a continua, apesar da sua modalidade original. Neste quadro, pudemos compreender que o discernimento é uma dimensão indissociável da vida cristã. Os profetas testemunham que Deus sempre quer e deseja o melhor para seus filhos, o que muitas vezes escapa da lógica humana. Assim, os desafios daqueles que discernem são postos, como vimos no primeiro capítulo. Isso não significa que *discernir* contraponha as condições antropológicas. O cristão é aquele que vive as fronteiras da condição humana como os outros, mas de modo diferente; pela ação do Espírito Santo ousa mais do que poderia. O discernimento espiritual proporciona, dessa forma, uma liberdade desconhecida pela maioria das pessoas e diversas vezes incompreendida. Jesus, Paulo e João manifestam isso. A vida e a missão de Jesus, a qual Paulo e João ratificam, contrapõem radicalmente o modelo de religiosidade proposto em sua época. A força da sua mensagem não é camuflada pela sua própria segurança ou por leis. Mas pela força do Espírito Santo é que prega, é que vive. Estamos diante de um ensinamento novo e ousado que podemos identificar facilmente nos evangelhos pelas expressões: “Eu, porém, vos digo”; “*como* o vosso Pai celeste”; “muito pelo contrário”; “em verdade vos digo”. Jesus foi alguém que dispunha de uma grande liberdade, fazendo do Pai o fundamento de sua vida. Assim, enquanto seguidores de Cristo, também devemos ser livres. Submeter, portanto, as decisões às “surpresas” do Espírito deve ser exercício de qualquer cristão. Contudo, até que ponto somos, de fato, cristãos que discernem? Fica-nos o questionamento. O medo da liberdade dos filhos de Deus

pode gerar um distanciamento de uma vida espiritual cristã mais comprometida. É verdade que viver no Espírito significa ultrapassar a conveniência e a facilidade do cumprimento de normas religiosas. É o próprio Jesus quem testemunha que o amor de Deus nunca pode ser condicionado e limitado à letra da lei. Se o cristão se preocupa só em cumprir normas, então, na verdade, está preocupado só consigo mesmo. Paulo aprofunda essa ideia quando diz: “Rompestes com Cristo, vós que buscais a justiça na Lei; caístes fora da graça” (Gl 5, 4), pois é do Espírito que deve vir a nossa esperança, pela fé.

Em Inácio não encontramos esse medo de confiar no Espírito. Ele descobriu desde o início de sua conversão que o mais importante é a lei interior, que nos capacita a acolher o dom de Deus. Assim, nas discussões que embasam esta pesquisa, pudemos concluir também que o discernimento não se baseia em conhecimentos intelectuais, morais ou de cunho psicológico, mas na experiência pessoal de fé de cada um. Santo Inácio fala, assim, de um conhecimento interno (cf. EE 2,4). O seu método, portanto, é desenvolvido a partir de suas próprias experiências, inclusive daquelas que poderiam ser consideradas excessos, pois acredita que Deus pode ser encontrado em todas as coisas se olhamos a realidade como Jesus. Por isso, o nosso agir depende da maneira como enxergamos a vida; e quanto mais em contato com a vida de Cristo mais nos aproximamos do modo como Ele a olhava. Buscar e encontrar a Deus em todas as coisas nos faz concluir, ainda, que o discernimento inaciano é um discernimento encarnado na história, na vida, conectado a realidade cotidiana. Um salto qualitativo para a espiritualidade cristã, pois para nos encontrarmos com Deus não precisamos de um lugar específico. Do meio da sociedade a Igreja deve apontar para o Transcendente.

Ao reconhecer a presença de Deus ao longo de sua vida, Inácio intuiu a importância em transmitir suas experiências. Uma vida no Espírito, portanto, deve ser testemunhada. Surgem os *Exercícios Espirituais* como expressão do seu seguimento a Cristo. Realmente, essas anotações são uma verdadeira pedagogia de liberdade, uma verdadeira pedagogia da ação do Espírito em nós, uma verdadeira pedagogia de discernimento. Como dissemos, a finalidade última dos EE consiste em proporcionar ao exercitante uma maior familiaridade com Deus, ao ponto de compreender a vontade divina em sua vida.

A pedagogia inaciana é simples e exigente. Implica fidelidade ao processo proposto e docilidade à ação do Espírito Santo, que age de acordo com o perfil de

cada pessoa. Ao mesmo tempo em que Inácio reconhece os limites humanos e a condição peculiar de cada um, fala da necessidade de uma unidade interna no processo de discernimento (ordenação dos afetos), sem a qual correríamos o risco de nos enganarmos em nossas decisões. A ideia é purificar nossas intenções para bem eleger. Inácio compreendeu que no seguimento de Cristo algo bom pode se tornar objeto de vaidade e reivindicação de direitos. A nosso ver, o reconhecimento dos limites humanos é incentivo a uma abertura mais confiante à graça de Deus.

Inácio não exclui o papel da afetividade nas decisões. Dessa forma, o processo de discernimento inaciano integra as dimensões humanas, eximindo-se de qualquer espécie de intelectualismo, moralismo ou sentimentalismo. Para discernir a vontade de Deus devemos dar atenção aos movimentos interiores: uns nos conduzem para Deus, outros para o inimigo da natureza humana; uns trazem consolação, outros desolação. Quando fazemos a vontade de Deus sentimos a consolação de Deus. É um caminho comprometido com a liberdade humana em seu mais alto grau na busca e encontro da vontade divina pelo discernimento das moções, que ultrapassa a formalidade do retiro.

Acreditamos que o nosso objetivo em demonstrar o papel qualitativo que o discernimento inaciano promove à vida espiritual cristã foi atingido. Pois na medida em que nos ajuda a enxergar a existência de um modo mais humano e a tomar consciência de que o essencial ultrapassa a realidade palpável e visível, nos insere no nível da fé, indispensável ao seguimento de Cristo. A vida adquire mais sentido ao passo que até mesmo as experiências mais cotidianas podem ser consideradas nas decisões.

O discernimento inaciano resgata o sentido do amor cristão, pois proporciona um seguimento mais efetivo. Dessa maneira, nos aproxima do Deus-próximo, o Deus de Jesus Cristo, e nos insere na missão universal de amar.

A atualidade do tema pode ser comprovada pelos inúmeros testemunhos de pessoas que se dizem mais livres e responsáveis depois de conhecerem a vida deste santo ou de terem passado pela experiência dos Exercícios Espirituais, já que aprenderam a enxergar a vida com os olhos de Deus e a fazerem melhor suas escolhas. A humanidade precisa de pessoas menos doentes e mais conscientes de sua liberdade; de pessoas que enxerguem o melhor para darem de si o melhor, tanto quanto for possível. Na hodierna sociedade do consumo, com inúmeras

ofertas impositivas, uma decisão pessoal refletida consciente se tornou cada vez mais rara. É verdade que ninguém passa por esse mundo incólume. Entretanto, com discernimento é possível uma vida mais equilibrada, onde cada um possa ser mais senhor de si, mais livre e responsável em suas decisões.

Um exemplo forte e atual de alguém que leva a sério uma vida no Espírito é o Papa Francisco. Tanto a Igreja quanto a sociedade em geral são capazes de sentir os efeitos positivos de sua missão, a qual busca promover uma humanização tanto quanto for possível. Como autêntico jesuíta aprendeu que a vida cristã não pode deixar escapar a alegria do Evangelho de Jesus Cristo que, certamente, acompanha a história e ultrapassa o rigorismo das leis. Aprendeu ainda que o discernimento deve acompanhar o cristão em qualquer ocasião e situação, tirando-lhe o medo de dar o melhor pela causa do Reino de Deus. Afinal, para alguém que segue normas o discernimento não é necessário; para quem segue o Espírito Santo sim.